

**NARRATIVAS E PODER:
UMA ANÁLISE DA MITOLOGIA BOLSONARISTA¹**

**NARRATIVES AND POWER:
AN ANALYSIS OF BOLSONARIST MYTHOLOGY**

Daniel Kei Namise²

Resumo

Desde que Bolsonaro ganhou popularidade na internet, recebeu o apelido de "mito" de seus eleitores. Na ciência política, "mito" muitas vezes se refere a promessas falsas. Teóricos como Barthes (2001) e Sorel (1999) discutem o mito político como símbolos irracionalmente ressignificados para uso em lutas políticas. Embora o apelido de Bolsonaro não carregue essas conotações complexas, sua reconfiguração como um político antissistema segue padrões identificados por Girardet (1987). Este trabalho busca discutir a mitologia bolsonarista, analisando seus elementos e mecanismos de funcionamento numa perspectiva histórico-conceitual e especulativa.

Palavras-chave: Comunicação Política; Mito político; Mitologia Política; Jair Bolsonaro.

Abstract

Since gaining popularity online, Bolsonaro has been nicknamed "myth" by his supporters. In political science, "myth" often refers to false promises. Theorists like Barthes (2001) and Sorel (1999) discuss political myth as irrationally redefined symbols used in political struggles. Although Bolsonaro's nickname does not carry these complex connotations, his rebranding as an anti-system politician follows patterns identified by Girardet (1987). This work aims to discuss Bolsonarist mythology, analyzing its elements and mechanisms from a historical-conceptual and speculative perspective.

Keywords: Political Communication; Political Myth; Political Mythology, Jair Bolsonaro.

INTRODUÇÃO

Se voltássemos a 2015 e nos perguntássemos sobre a probabilidade de Jair Bolsonaro ser eleito presidente do Brasil, as respostas provavelmente seriam bastante negativas, já que apenas 1% do eleitorado o apoiava³. Bolsonaro enfrentava o desafio de aumentar sua visibilidade e, conseqüentemente, sua base de apoio. Isso era particularmente difícil para um

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 9, do VIII ComCult, Faculdade de de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

² Doutorando na linha de pesquisa de Comunicação e Política do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Membro do grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (CPOP), email: daniel.namise@gmail.com.

³Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2015/10/27/interna_politica,504072/aecio-lidera-intencao-de-voto-espontanea-seguido-por-lula-e-marina.shtml. Acesso 28 de nov. de 2023.

político com pouca relevância nos debates que moldavam a direção do Brasil. Utilizando as redes sociais, Bolsonaro construiu gradualmente uma sólida base de apoiadores. Suas publicações, misturando humor e discursos inflamados, frequentemente direcionados a adversários políticos e defendendo posições consideradas de extrema-direita, contribuíram para esse crescimento. Essa abordagem levou seus seguidores a chamá-lo de "mito" (Cioccarelli e Persichetti, 2018), mas qual é o significado disso?

Popularmente, o termo "mito" está associado a narrativas fantásticas que contam feitos de deuses ou seres extraordinários. Muitas vezes eles funcionam como “solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade” (CHAUÍ, 2000, p. 5). O conceito de mito também está presente em diversas áreas do conhecimento, incluindo a psicanálise. Neste campo, figuras como Freud e Jung abordam os mitos de maneira específica em suas teorias mitológicas. Eles os interpretam da seguinte forma:

os mitos estão todos numa região da mente humana, a que chamam inconsciente coletivo, uma espécie de repositório que todos possuímos da experiência coletiva. Neste lugar, os mitos se encontram. O inconsciente coletivo é, como o nome diz, algo compartilhado pela humanidade toda, é um patrimônio comum. Ao mesmo tempo existe em cada um de nós. Assim eles explicam como os mitos do Sol podem aparecer desde o Egito Antigo até os incas da América do Sul, passando, quem sabe, pela praia de Ipanema a cada verão. (ROCHA, 1996, p. 5)

Na Antropologia, o raciocínio sobre os mitos é similar, porém com uma ênfase na relação entre mitos e contexto social. Isso possibilita a compreensão do pensamento e das estruturas das sociedades em distintos períodos históricos através da análise das mitologias que cada uma criou. Nas Ciências Políticas, por exemplo, Sorel (1999) desenvolveu a ideia de que os mitos são representações de verdades universais que rejeitam a lógica e funcionam como impulsionadores da ação política. Barthes (2001) contribuiu para a popularização do conceito de mito político, considerando-o uma reinterpretação de símbolos destinada a perpetuar uma ideologia, naturalizando a história. É evidente que o apelido "mito" atribuído a Bolsonaro não possui essas conotações profundas. No entanto, a maneira como ele reformulou sua imagem como um político antissistema segue os modelos delineados por Barthes e Sorel.

Ainda assim, estudar Bolsonaro como um mito político singular é complexo, Girardet (1987) destaca que os mitos políticos têm um sistema de discurso específico, semelhante ao dos grandes mitos sagrados, demonstrando fluidez que permite conexões e interferências mútuas,

por isso é necessário avaliar todas as constelações míticas possíveis. É preciso apontar que a utilização de narrativas mitológicas em campanhas políticas não é uma novidade; conforme Miguel (2001), esse tipo de discurso remonta à redemocratização do Brasil, desempenhando um papel crucial nas vitórias eleitorais de Collor e FHC. Baseado nesses pontos, este trabalho busca realizar um exercício teórico, adotando uma abordagem histórico-conceitual e especulativa para explorar a mitologia bolsonarista.

1. O QUE SIGNIFICA MITO?

Na ciência política, o termo "mito" é frequentemente vinculado à noção de falsidade. Contudo, isso não diminui seu valor explicativo em fenômenos ou cenários políticos, independente da fidelidade à verdade objetiva. A própria concepção de verdade é subjetiva, como apontado por pensadores que questionam sua existência, considerando-a uma versão bem-sucedida de eventos (Rocha, 1996). Além disso, Martinez (2019) destaca que a desinformação, embora eticamente questionável, tem sido uma ferramenta política ao longo da história, usada por governos para justificar aos cidadãos intervenções tanto internas quanto externas.

O mito político, portanto, exerce influência significativa no pensamento e nas ações humanas, legitimando as práticas de atores políticos. Mas para ser efetivo, deve incorporar símbolos fortes do imaginário coletivo, utilizando-os para construir significados, apesar de ser limitado por esses mesmos símbolos. Elementos estranhos a este imaginário podem interferir nos resultados pretendidos (Girardet, 1987, p. 17). Enraizado nos valores de uma sociedade em determinado período, o mito político adere a lógicas e regras específicas, permitindo que as narrativas míticas sejam adaptáveis e reutilizáveis, alterando apenas os protagonistas de acordo com o contexto.

O conceito de mito político, introduzido por Georges Sorel em *Réflexion sur la violence*, propõe que a mente humana, insatisfeita com a simples observação dos fatos, busca incessantemente a compreensão profunda das coisas. Ele articula que, embora a razão seja crucial para decifrar a realidade, seus limites fazem com que certos fenômenos sejam interpretados irracionalmente, dando origem a mitos que são vistos como verdades universais que transcendem a lógica (Sorel, 1999; Miguel, 2000).

A aceitação irracional desses mitos encobre suas construções ideológicas subjacentes, criando um senso de segurança para aqueles imersos em realidades mitológicas, pois suas visões de mundo não são desafiadas. Sorel sugere que tal fenômeno resulta da dificuldade de compreender o processo histórico, mas que serve de força motriz para a ação política. Esta perspectiva encontra paralelos no trabalho de Roland Barthes (2001), que analisa a criação dos mitos políticos como uma reinterpretação de signos preexistentes, que são resignificados, perdendo sua identidade original e naturalizando uma determinada narrativa histórica. Barthes (2001) observa que, nesse processo, o mito elimina a complexidade das ações humanas, promovendo um mundo plano e sem contradições, onde as coisas parecem possuir significado inerente e autoevidente. Assim, fortalecido pelo imaginário coletivo, o mito se torna imune a desafios racionais. Nessa perspectiva, os símbolos resignificados pelos mitos têm propósitos bem definidos, normalmente associados à perpetuação de uma ideologia.

Embora Sorel e Barthes apresentem visões distintas, seus trabalhos não são mutuamente exclusivos, mas complementares, ilustrando como os mitos podem simultaneamente incitar ação e passividade. Raoul Girardet procura sintetizar essas abordagens, identificando elementos míticos comuns empregados por movimentos políticos variados ao longo da história (Miguel, 2000). Ele reconhece o mito como explicativo, capaz de tanto mobilizar quanto pacificar, dependendo do contexto e de seu uso. Em sua análise sobre narrativas mitológicas, Girardet (1987) ressalta a necessidade de apreciá-las em sua totalidade, argumentando que é impraticável compreender os mitos de forma isolada. Ele destaca que os mitos políticos seguem um padrão discursivo similar ao dos grandes mitos sagrados, possuindo uma natureza fluida que facilita a interconexão e interação entre eles. Ele descreve os mitos como polimorfos, enfatizando sua capacidade de gerar múltiplas interpretações e ressonâncias, e como ambivalentes, tendo significados que podem ser simultaneamente complementares e contraditórios (Girardet, 1987).

Esta polivalência permite que o mito aborde uma ampla gama de temas sob diversas perspectivas, possibilitando que entidades políticas de espectros ideológicos opostos, como "direita" e "esquerda", forjem suas próprias mitologias. Girardet (1987) propõe que o núcleo do mito político se encontra no imaginário coletivo, que se fundamenta não em racionalizações ideológicas, mas em um substrato de crenças religiosas e culturais. Este imaginário é formado

por elementos suscetíveis à repetição e associação, ainda que, segundo ele, o repertório disponível para a imaginação coletiva seja relativamente restrito em termos de fórmulas.

Dessa observação, Girardet (1987) identificou quatro estruturas mitológicas principais, que foram adaptadas e reconfiguradas conforme as exigências de diferentes grupos e movimentos políticos ao longo da história. Esses temas são: a conspiração, o salvador, a idade de ouro e a unidade. A mitologia bolsonarista pode ser analisada à luz desses temas, onde Bolsonaro e seus apoiadores podem ter evocado tais imagens míticas para construir uma narrativa persuasiva. Os conceitos de Barthes e Sorel oferecem ferramentas adicionais para entender como esses mitos são construídos e mantidos. Barthes, com sua teoria da semiologia, mostra como os significados são criados e manipulados, enquanto Sorel, com sua reflexão sobre a natureza do mito, destaca a importância das narrativas no impulso para a ação coletiva. Este entrelaçamento entre as estruturas mitológicas e os conceitos teóricos proporciona uma análise mais aprofundada de como a mitologia política é criada e utilizada em campanhas eleitorais, servindo como um meio de mobilização, identificação e persuasão política.

2. A MITOLOGIA BOLSONARISTA

2.1. A CONSPIRAÇÃO COMUNISTA

A criação de um inimigo é necessária para qualquer narrativa, por isso que, de acordo com Girardet (1987), a constelação mítica da conspiração tende a ser a primeira a surgir. A divisão da sociedade entre “bem” e “mal” contribui para delimitar aqueles que são os aceitos pela sociedade e os que seriam os indesejáveis, e também apontar os culpados por uma situação de caos. Essa construção mitológica de uma organização que é a raiz dos problemas sociais é de acordo com Durkheim (como lembra Girardet) um reflexo da necessidade da sociedade em buscar um culpado para todos os seus males. “O Mal que se sofre, e mais ainda, talvez, aquele que se teme, acha-se doravante muito concretamente encarnado. Ganhou uma forma, um rosto, um nome” (Girardet, 1987, p. 55).

No caso do bolsonarismo, isso não é uma exceção. É notório que, ao longo dos anos, os ataques verbais de Bolsonaro sempre se direcionaram ao que ele classifica como "esquerda". Um dos seus principais alvos sempre foram grupos minoritários, mais especificamente negros e membros da comunidade LGBT, aos quais ele atribui uma parcela significativa da responsabilidade pela suposta degradação moral no Brasil (Dibai, 2018). No entanto, seria

impreciso considerar as minorias como o foco exclusivo da conspiração sugerida pelo bolsonarismo. Conforme descrito por Girardet (1987), as conspirações possuem uma estrutura piramidal. Neste modelo, cada nível tem funções específicas e um conhecimento progressivamente mais amplo sobre as atividades do grupo. À medida que se ascende na hierarquia, aumenta-se o entendimento sobre os planos e estratégias da organização. No vértice dessa pirâmide encontra-se o líder, responsável por tomar decisões cruciais e definir as diretrizes a serem seguidas. O estudo de Kalil (2018) fornece uma visão detalhada sobre a estrutura da suposta conspiração percebida pelos seguidores de Bolsonaro.

Segundo a pesquisa, muitos desses seguidores acreditam que Lula seria o líder de uma organização criminosa. Dentro dessa estrutura, os membros do Partido dos Trabalhadores (PT) e figuras do establishment político ocupariam posições intermediárias. Na base desta pirâmide estariam os grupos sociais, especialmente as minorias, que se beneficiaram das políticas públicas de inclusão e de incentivo à educação e cultura implementadas pelos governos do PT. Os bolsonaristas, conforme aponta Kalil (2018), veem esses grupos como beneficiários da corrupção supostamente liderada por Lula e seus aliados. É evidente na visão dos bolsonaristas que tanto Lula quanto o PT são considerados como a raiz de muitos problemas enfrentados pela sociedade brasileira. É evidente que essa narrativa não é condizente com a verdade, porém ela se torna real para aqueles que têm esse tipo de fabulações já existentes em seu imaginário político e também faz parte da ideia do “bode expiatório, um fenômeno presente há milênios nas sociedades humanas” (Miguel, 2004, p. 394).

No entanto, atribuir a criação dessa percepção a Bolsonaro seria incorreto. Em sua análise seminal sobre pânico moral, Cohen (1972) esclarece que a sensação de que um grupo social, percebido como desviante pelo grupo dominante, representa uma ameaça à ordem social, tem sua origem frequentemente na mídia. Cohen (1972) argumenta que a mídia é uma das principais influenciadoras do conhecimento público sobre problemas sociais. Ela tem o poder de destacar determinados eventos e questões como dignos de atenção por meio de estratégias de agendamento noticioso. Além disso, a mídia também pode apontar os supostos culpados por tais problemas, mobilizando a sociedade contra eles. Isso é frequentemente realizado através da representação estigmatizada de grupos específicos.

De fato, quando se analisa o antipetismo, trabalhos como a de Nassif (2021), Souza (2017), Marques e Pimentel (2021) apontam como a mídia tradicional brasileira possui um histórico de se posicionar contra partidos e movimentos sociais considerados de esquerda e os culpar por crises políticas, econômicas e sociais. Um exemplo significativo desta tendência é o estudo de Carrato e Santana (2018), que foca na cobertura do Jornal Nacional no ano de 2018. Segundo as pesquisadoras, o jornal veiculou notícias envolvendo o PT e o ex-presidente Lula de forma que constantemente os associava a casos de corrupção. Esta abordagem foi particularmente intensificada em relação a Lula durante o período do seu julgamento no caso da Operação Lava Jato, com uma exposição crescente e diária do ex-presidente. Portanto, é possível afirmar que o bolsonarismo incorporou o mito da conspiração a sua mitologia.

2.2. O SALVADOR É BRASILEIRO

A concepção de Girardet (1987) sobre a narrativa da conspiração como uma manifestação de medo, baseada em um obscuro sentimento de ameaça, estabelece uma visão maniqueísta do mundo, na qual o complô é visto como as trevas e o mal. Em contrapartida, se existe escuridão, também deve haver luz, simbolizada na figura do Salvador – aquele que surge como o único capaz de liderar a sociedade em tempos sombrios e vencer os inimigos. Essa necessidade de um herói ou salvador é uma resposta direta à existência do mito da conspiração. Quando a sociedade se sente ameaçada, surge um desejo coletivo por alguém que possa oferecer proteção e direção. Este herói é muitas vezes idealizado como alguém com capacidades extraordinárias para enfrentar e superar as forças maléficas que ameaçam a ordem estabelecida.

No contexto estudado, se a esquerda é vista como responsável pelos males do Brasil, então a direita é percebida como encarregada de resgatar os valores e a ordem perdida. Neste panorama, Bolsonaro emerge como um herói aos olhos de seus seguidores, capaz de cumprir essa missão. Girardet (1987, p. 72) observa que "o processo de heroificação pode apresentar-se organizado em vários períodos sucessivos, sensivelmente diferentes uns dos outros por sua tonalidade afetiva", indicando que a construção da imagem do Salvador é um fenômeno que varia conforme o contexto e as necessidades da população. Inicialmente, há a formulação da imagem com as qualidades desejadas para o herói, seguida pela sua difusão. Diante disso, torna-se crucial entender as razões pelas quais Bolsonaro foi elevado ao status de salvador da pátria.

O Salvador precisa ser a antítese do que da Conspiração que ele enfrenta, então se nesse caso a Conspiração comunista é sinônimo de corrupção e de outros males, o herói deve ser incorruptível, defender os valores da sociedade brasileira, e que seja capaz de resolver outros problemas que afligem a nação. A pergunta é: como Bolsonaro se projetou dessa forma? Quando se analisam os dados dos perfis dos eleitores de Bolsonaro, percebe-se que para a grande maioria deles, a corrupção é vista como um dos principais problemas do país (Kalil, 2018). Levantamentos do Datafolha de 2018 reforçam essa visão⁴, destacando a corrupção como uma das principais preocupações do eleitorado brasileiro naquele momento. Neste cenário, a posição de Bolsonaro é crucial. Segundo a pesquisa bibliográfica de Dibai (2018), até sua ascensão eleitoral, Bolsonaro não tinha envolvimento conhecido em grandes esquemas de corrupção, como o Mensalão ou o Petrolão. Isso se deve em parte ao fato de que esses casos tendiam a focar em líderes e presidentes de partidos, e Bolsonaro, sendo parte do baixo clero da Câmara dos Deputados, não era alvo dessas investigações.

Embora a construção de uma imagem de honestidade fosse importante, não era suficiente, dada a associação do *establishment* com as forças consideradas maléficas no contexto da teoria da conspiração. Pareceria incoerente que Bolsonaro, um político com 28 anos de carreira na Câmara dos Deputados, pudesse ser visto como uma figura anti-sistema. Contudo, a construção de sua imagem como um *outsider* da política brasileira deve-se em grande medida ao tipo de discurso que ele adotou em suas redes sociais. Ao adotar uma postura similar à de um troll da internet, desrespeitando adversários e, conseqüentemente, as normas do jogo democrático, Bolsonaro provocava indignação no chamado *establishment*. Esta reação adversa às suas ações reforçou sua imagem como *outsider*, pois seus seguidores interpretavam as críticas e punições que ele recebia não como consequência de violações às leis ou às regras democráticas, mas sim como represálias por desafiar os poderosos (Namise, 2023).

Outro fator crucial na construção da imagem de Bolsonaro como um herói foi seu discurso populista. Diante de situações complexas, ele regularmente propunha soluções simplistas, embora pouco realistas, para os desafios enfrentados pelo Brasil. Um exemplo evidente é a sua postura em relação à criminalidade, que em 2018 era vista como um dos

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/para-eleitores-saude-e-violencia-sao-os-principais-problemas-do-pais.shtml>. Acesso em 22 de nov. de 2023.

grandes problemas nacionais. Bolsonaro apresentava ao menos duas abordagens: a primeira era a advocacia por métodos violentos para combater a violência, defendendo penas mais severas e intensificação da repressão policial – uma ideia que encontrou ressonância em segmentos da classe média, conforme apontam Gavião e Valadares (2018).

Adicionalmente, seu discurso pró-armamento se alinhava a estereótipos reforçados por outros mitos. Como observado por Santos (2012), a imagem do "cidadão de bem" - frequentemente retratada como homens brancos e de classe média, autoproclamados protetores de suas famílias - contrasta acentuadamente com a dos "maus". Estes últimos são frequentemente rotulados como criminosos ou elementos indesejáveis pela sociedade, e tendem a ser associados às classes mais pobres.

A criação de um herói político, conforme apontado por Girardet (1987), requer mais do que a simples necessidade de sua existência; é fundamental que o ator político escolhido para desempenhar esse papel possua as características que correspondam às expectativas da sociedade. A eficácia de tal mito depende da habilidade de quem constrói a imagem desse personagem – seja o próprio ator político ou seus promotores – em identificar os sinais do tempo, captando assim as esperanças e temores da população. Isso implica que, independentemente de Bolsonaro ter ou não um entendimento profundo sobre o funcionamento das mitologias políticas, ele soube adaptar seu discurso de modo a se alinhar com as necessidades e expectativas da população brasileira em um momento específico da história.

2.3. A IDADE DE OURO E A UNIDADE

Entre o caos e a esperança, gerados pelo complô e pelo herói, respectivamente, emergem a terceira e a quarta manifestações mitológicas, que atuam intensamente no imaginário coletivo. O mito da idade do ouro, fundamentado em um sentimento de nostalgia, evoca um passado idealizado, servindo como orientação para a restauração da sociedade. Paralelamente, o mito da Unidade age como uma força motriz nos discursos políticos, clamando por equilíbrio social e alimentando o anseio por uma sociedade harmoniosa, não fragmentada e livre de conflitos (Girardet, 1987; Miguel, 2000).

O mito da Idade de Ouro frequentemente marca os discursos dos heróis, e isso se evidencia no caso de Jair Bolsonaro, que evoca especificamente o período da ditadura militar. Em sua trajetória política, a defesa desse regime tem sido uma constante, destacando-se os

argumentos utilizados para legitimá-lo como uma "ótima época". Conforme apontado por Dibai (2018), Bolsonaro recorre principalmente à suposta ausência de corrupção, à promoção de maior segurança e ao respeito pela ordem como justificativas. Diante desses pontos, torna-se relevante perceber que as reivindicações dos seguidores do bolsonarismo refletem essas mesmas ideias, pois como Kalil (2018) aponta, parte dos bolsonaristas defendem a intervenção militar como a melhor solução para o Brasil⁵.

Mesmo assim, é difícil afirmar que essa seja uma opinião unânime entre todos os apoiadores do ex-presidente. Contudo, conforme Girardet (1987) explica, o uso da memória pessoal ou coletiva não é a única forma de construir esse tipo de narrativa. Ele também destaca a possibilidade de se valer de um tempo não histórico, onde se evoca um tempo prometido, criando-se a imagem de um passado idealizado que contrasta com o presente percebido como corrompido. Nesse contexto, os mitos da Idade de Ouro e da Unidade se fundem, especialmente no cenário brasileiro.

Tanto Chauí (2001) quanto Debrun (1983) explicam que a cultura política da sociedade brasileira se formou a partir da ideia central de conciliação, pressupondo um estado de equilíbrio entre diferentes grupos sociais, apesar dos desequilíbrios existentes. No entanto, este equilíbrio, na realidade, formaliza e regula relações de dominação. Isso se torna mais evidente ao examinar a ideia da democracia racial. Munanga (2010) destaca que se difundiu entre os brasileiros o mito da democracia racial, onde brancos e outras raças viveriam em harmonia, tendo superado todos os conflitos. Porém, nesse contexto, aos grupos brancos seria atribuído um papel de guia e benevolência para com outros grupos étnicos, considerados inferiores. A conciliação teria levado à produção de novas formas de dominação que guiam as expectativas morais e sociais em que parte da sociedade brasileira, principalmente da classe média e elite, predominantemente brancas, está inserida (Souza, 2017).

Miguel (2000) ressalta a nostalgia pela unidade e a aversão ao conflito como fatores cruciais para a adesão ao mito da unidade, sentimentos que se intensificam com a perda dessa harmonia. Dentro da mitologia bolsonarista, é essencial entender as transformações

⁵ A nostalgia pela ditadura militar pode também ter sido um fator significativo na construção da imagem de Jair Bolsonaro como salvador do Brasil. Sua identidade como ex-capitão do Exército Brasileiro pode ter reforçado essa percepção, vinculando-o diretamente a um período histórico idealizado por certos segmentos de seu eleitorado.

socioeconômicas ocorridas na primeira década dos anos 2000. Kopper e Damo (2018) na sua revisão econômica, observam que as políticas de redistribuição de renda, aliadas à prosperidade econômica da época, marcaram um ponto de virada na história da desigualdade social do Brasil. Conforme explicam, "A renda já não se concentrava exclusivamente no topo da estratificação, tendo se deslocado para suas camadas intermediárias – e era desejável, segundo uma miríade de agências internacionais, que assim o fosse" (Kopper E Damo, 2018, p. 344).

Como Marcelo Neri (2008) aponta, essa redistribuição resultou no surgimento de uma "nova classe média". O estudo de Neri se baseia puramente em critérios econômicos, considerando o potencial de consumo das famílias. Contudo, apesar do aumento real da renda das classes C, D e E, essas não alcançaram o capital cultural necessário para legitimar sua participação no Estado e no mercado (Souza, 2017). Esse privilégio permaneceu com a "verdadeira" classe média, que, não possuindo o monopólio do capital econômico como a elite, procura reter o controle do capital cultural, sobretudo em espaços de valor cultural.

No entanto, houve a incursão de membros de classes mais baixas e grupos minoritários em espaços antes restritos, como demonstrado pelo fenômeno dos “rolezinhos”, as políticas de cotas raciais nas universidades e a maior inclusão de membros da comunidade LGBT na sociedade brasileira. Essas mudanças sociais desestabilizaram a dinâmica de interação entre diferentes classes sociais no país, e demonstraram que a sociedade brasileira não vivia em um estado de conciliação como se imaginava (SOUZA, 2017).

Não é coincidência que, desde 2014, com a crescente ocupação de espaços por grupos minoritários e classes sociais mais baixas, se inicie um processo de polarização afetiva no Brasil (Marques E Fuks, 2023), culminando na eleição de Bolsonaro. Segundo as teorias de Tajfel e Turner (1979) da psicologia social, quando recursos controlados pelo grupo dominante parecem ameaçados, este grupo tende a agir para preservar seu monopólio, frequentemente recorrendo a formas de violência - física, verbal ou simbólica - contra grupos dominados. Nesse contexto, o apoio a um candidato que promove um discurso de unificação nacional, mas busca manter as assimetrias sociais, surge como uma maneira dos grupos dominantes fortalecerem suas posições de poder, escondendo-se atrás de uma falsa narrativa de conciliação.

Além disso, a utilização ostensiva das cores da bandeira brasileira durante as propagandas eleitorais de Bolsonaro pode ser interpretada como uma maneira de evocar um

passado harmonioso. Chauí (2001) argumenta que as cores verde e amarelo se tornaram um semióforo - um símbolo representativo - da Nação, encapsulando a ideia de conciliação. Bolsonaro, ao adotar essas cores e aliar-se ao discurso de defesa dos interesses nacionais e de retomada dos valores brasileiros, emprega esse semióforo em seu benefício. Assim, ele vincula sua imagem à da sociedade brasileira tal como é concebida no imaginário político do país.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após elucidar os mitos bolsonaristas, pode-se compreender as interações entre os quatro. Recapitulando, o complô e o herói estão em uma simbiose: sua natureza antagônica faz com que um dependa do outro para existir. A Idade de Ouro, representando um passado idealizado e um futuro a ser reconquistado, só se materializa quando as pessoas acreditam na corrupção trazida pelo complô. Esta crença só é eficaz se alinhada ideologicamente ao herói. Cada mito interage de maneira única com a Unidade, começando pelo Herói. Conforme Miguel (2000) destaca, Hobbes considera que a multidão ganha voz ao eleger um representante. Este porta-voz, transformado em uma "pessoa artificial" conforme a terminologia de Hobbes, legitima-se através da união, refletindo a vontade coletiva.

Contrastando, a Conspiração simplifica e limita a compreensão de crises, seja sociais, econômicas ou políticas. A Unidade emerge como solução, com a Idade de Ouro simbolizando o ápice a ser alcançado. Essa era dourada, ancorada na glorificação de um passado supostamente grandioso, só é atingível mediante a união popular contra o complô, visando restaurar a harmonia social de tempos idílicos. A análise da mitologia política construída pelo bolsonarismo revela a despolitização inerente aos mitos, conforme aponta Barthes, legitimando falsidades, como a alegada corrupção intrínseca ao PT.

O mito do Herói e da Unidade também demonstram a capacidade de apagar o contexto histórico. A trajetória política de Bolsonaro, marcada por escândalos e inconsistências, é ignorada por seu eleitorado, que o enxerga exclusivamente através da persona construída em campanha: um político honesto, opositor do establishment. Por outro lado, a perpetuação do mito fundador na política brasileira solidificou a imagem de um país isento de conflitos ou disparidades sociais, base para a Unidade. Ao simplificar a complexidade do cenário político, esses mitos fomentam uma visão maniqueísta, obstruindo o entendimento das reais intenções de seus difusores.

Por fim, o que é importante perceber é que as narrativas lendárias buscam uma harmonia, ou seja, há eliminação do conflito. Miguel explica que “o campo político é feito de dissenso, de conflito, de desunião; é percebido também como feito de deslealdade. Ele exhibe de forma permanente a falta de unidade dentro da sociedade” (Miguel, 2000, p. 41). Então, ao pregar o fim do conflito, o mito político se torna uma estrutura cognitiva que rejeita a própria política e a razão, sendo capaz de explicar de forma mais completa os fenômenos que levaram à ascensão de figuras autoritárias e da extrema direita no Brasil.

REFERÊNCIAS.

- Barthes, R. (2001). *Mitologias*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Carrato, A., Santana, E., & Guimarães, J. (2021). *Jornal Nacional, um projeto de poder: a narrativa que legitimou a desconstrução da democracia brasileira*. Belo Horizonte: Editora Comunicação de Fato.
- Chauí, M. (2000). *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Editora Perseu Abramo.
- Cioccarelli, D., & Persichetti, S. (2018). A política e o espetáculo em Jair Bolsonaro, João Dória e Nelson Marchezan. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 15(2), 112-129.
- Cohen, S. (1972). *Folk devils and moral panics*. London: MacGibbon & Kee.
- Debrun, M. (1983). *A conciliação e outras estratégias*. São Paulo, Brasiliense.
- Dibai, P. C. (2018). *A direita radical no Brasil pós-redemocratização: o caso de Jair Bolsonaro*. Tese de Mestrado, Universidade Federal da Bahia.
- Fuks, M., & Marques, P. H. (2023). Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. *Opinião Pública*, 28(3), 560-593. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000100012>
- Gavião, L., & Valadares, A. (2018). Jair Bolsonaro: o candidato da (in)segurança pública. *Le Monde*, 2 mar.
- Girardet, R. (1987). *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo, Ed. Cia das Letras.
- Kalil, I. et al. (2018). Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. *Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo*. Disponível em: <https://www.fesp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>
- Kopper, M. & Damo, A. S. (2018). A emergência e evanescência da nova classe média brasileira. *Horizontes Antropológicos*, 24(50), 335-376. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000100012>
- Martinez, H. M. F. (2019). *A desinformação como estratégia do governo Bolsonaro [Trabalho de conclusão de curso, Bacharel em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda]*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação.

- Miguel, L. F. (2000). Mito e discurso político. Campinas; São Paulo: Editora da Unicamp; Imprensa Oficial.
- Munanga, K. (2010). Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. Cadernos Penesb, 12, 169-203. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf
- Namise, D. K. (2023). Bolsonaro, o presidente que trollou o Brasil: um estudo sobre a trollagem como uma estratégia de comunicação política. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.
- Nassif, L. (2021). O caso Veja. Curitiba: Kottler Editorial.
- Neri, M. (2008). A nova classe média: o lado brilhante dos pobres. Rio de Janeiro: CPS/FGV.
- Pimentel, P., & Marques, F. P. J. (Forthcoming). De-westernizing media parallelism: How editorial interests unfold during impeachment crises. Journalism Studies.
- Rocha, E. (2017). O que é mito. Editora Brasiliense.
- Souza, J. (2017). A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya.
- Sorel, G. (1999). Reflections on violence. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. (1979). An Integrative Theory of Intergroup Conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), The Social Psychology of Intergroup Relations (pp. 33-47). Monterey, CA: Brooks/Cole.